

# Metrópole



**Segurança**  
Marcola ficou uma vez em regime diferenciado em 9 anos. Pág. A17

**Educação.** Impulsionados por fusões, alta das mensalidades e pela expansão do Fies, os grandes grupos educacionais do País têm cada vez mais reduzido a proporção das verbas para a remuneração dos docentes; grupos alegam planejamento mais eficiente

## Receita de universidade privada cresce; peso do gasto com professor diminui

José Roberto de Toledo  
Paulo Saldaña  
Rodrigo Burgarelli



Apesar de ver nos últimos anos suas receitas dispararem, impulsionadas por fusões, alta nas mensalidades e pela ampliação do Financiamento Estudantil (Fies), os grandes grupos educacionais de ensino superior com ações na bolsa têm direcionado proporção cada vez menor de recursos para a principal matéria-prima: os professores. A remuneração dos docentes em relação à receita líquida passou de 45% em 2010 para 35% no ano passado, na média dessas empresas.

As companhias Kroton (Anhanguera), Anima, Estácio e Ser, que têm capital aberto, tiveram, em média, salto de 201% na receita líquida no período. A bruta, sem desconto de impostos, saltou 233%. Um desempenho considerado extraordinário no País. A maior parte desses recursos foi revertida em lucro aos acionistas.

A Kroton, por exemplo, gastou no ano passado 29% da sua receita com os professores – em 2010, esse percentual era de 52%. A Ser Educacional manteve esse gasto estável no período e em 2014 gastava 26%.

Os dados foram extraídos dos balanços financeiros e notas explicativas divulgadas ao mercado pelas empresas. As informações foram processadas e analisadas pela consultoria de Oscar Malvessi, professor da Fundação Getúlio Vargas (FGV), a pedido da Federação dos Professores do Estado de São Paulo (Fepesp). A análise abordou as quatro únicas empresas que têm capital aberto e,

por isso, são obrigadas a manter a transparência de seus dados.

Como comparação, Malvessi analisou os mesmos critérios de outras duas instituições, cujos dados eram públicos. O gasto com professores no Mackenzie responde por 67% da receita. Na Unicsul, empresa particular de capital fechado, é de 52%. Nas públicas, esse percentual quase sempre supera 70%.

Questionado, o Sindicato das Mantenedoras (Semesp) informou que, entre 2008 e 2011, o percentual de gasto com professores estava aumentando nas instituições privadas. Levantamento do Semesp com 2 mil instituições mostra que, desde 2008, a tendência era de aumento do gasto. Em 2011, ele representava 40% da receita.

**Custo.** A queda no gasto com docentes veio a reboque de uma diminuição do custo total dos serviços prestados. Passou de 62% em 2010 para 47% em 2014, na média das empresas.

Autor do estudo, Malvessi indica que, economicamente, os resultados são excelentes. “Houve um contexto de oportunidade que foi muito bem aproveitado pelas empresas. E o Fies foi muito importante, viabilizou o acesso dos alunos. Como contrapartida, veio receita e crescimento”, diz. “Mas a educação merece uma atenção especial das empresas, entidades, do governo e da sociedade. Se não, os interessados no negócio de educação ficam restritos aos ganhos financeiros.”

As quatro empresas concentram 23% de 1,9 milhão de contratos do Fies firmados até o ano passado. Na Kroton, cerca de 60% dos alunos têm Fies. Na Anima são 39%.

Com o avanço do Fies, as empresas passaram a ter repasses garantidos do governo, diminuindo o risco de inadimplência – mesmo cobrando mensalidades maiores. Entre 2010 e 2014, o valor médio das mensalidades no ensino superior privado aumentou 13%, como revelou reportagem do Estado em fevereiro. Já o gasto do governo com o Fies, desde 2011, saltou 647%, enquanto o número de contratos cresceu 374%.

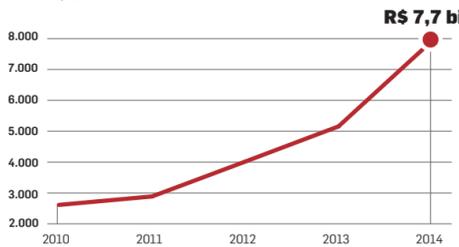
O presidente da Fepesp, Cel-

### COMPARAÇÃO

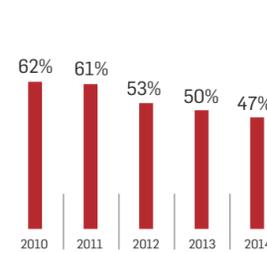
● Receita das empresas educacionais de capital aberto dispararam, mas gastos com remuneração de professores têm caído

#### Receita

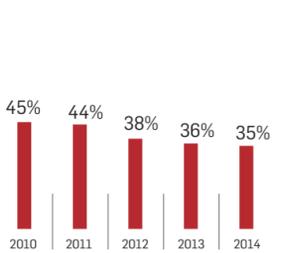
Média das empresas Kroton-Anhanguera, Anima, Estácio e Ser



#### Custo dos serviços prestados sobre a receita



#### Custo com professores sobre a receita

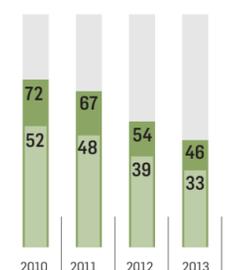


#### Por empresa

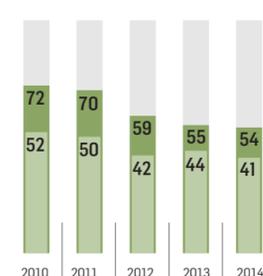
EM PORCENTAGEM

■ CUSTO DOS SERVIÇOS PRESTADOS ■ GASTO COM PROFESSORES

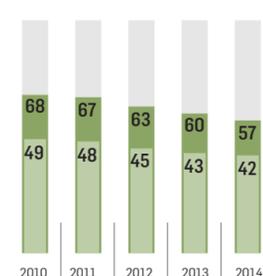
#### KROTON/ANHANGUERA



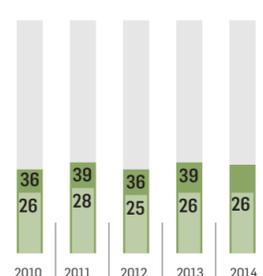
#### ANIMA



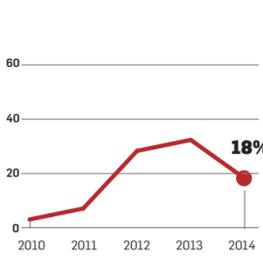
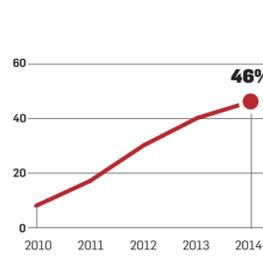
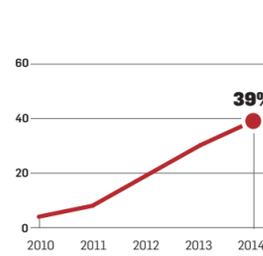
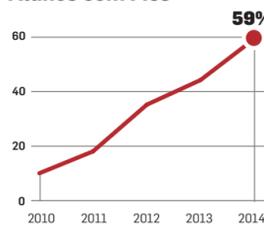
#### ESTÁCIO



#### SER



#### Alunos com Fies



FONTE: FEPESP/ OSCAR MALVESSI CONSULTORIA

INFOGRÁFICO/ESTADÃO

so Napolitano, diz que há um descompasso entre os lucros e os investimentos com os professores. “Essa grande lucratividade de resultado em enxugamento dos gastos com corpo docente, em detrimento das condições do trabalho e da qualidade do ensino”, diz ele. “É um tipo de gestão em termos massificados que, com relação à educação, é arriscada para a qualidade.”

**Melhoria.** O diretor executivo do Semesp, Rodrigo Capelato, afirma ser natural que o percentual de gasto com professores seja menor em empresas maio-

res. “Isso se deve ao ganho de escala e não à precarização da mão de obra”, diz ele, que defendeu melhoria na qualificação dos docentes no setor privado.

“Quando se tem um volume maior de alunos, obviamente, pode-se otimizar a quantidade de professores. Isso até melho-



**NA WEB**  
Portal. Confira o blog do Estadão Dados

[estadao.com.br/estadoadados](http://estadao.com.br/estadoadados)

ra a qualidade, pois o docente fica exclusivo daquela instituição, uma vez que ela tem turmas e aulas suficientes para preencher todo o tempo.”

As instituições de ensino afirmam que houve investimentos nos docentes e melhoria de qualidade dos cursos. A diretora da Associação Brasileira para o Desenvolvimento da Educação Superior (Abraes), Elizabeth Guedes, diz que a folha salarial vem aumentando nos últimos anos. “Se ela cresce menos do que a receita, isso se deve a um planejamento cada vez mais eficiente dos recursos utilizados”, diz.

“Estamos obtendo resultados e elevando a qualidade acadêmica.” A Abraes representa as empresas de capital aberto, além dos grupos Devry e Laureate.

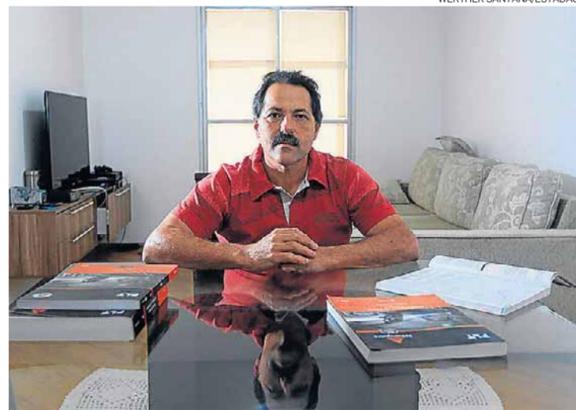
Após as mudanças no Fies do fim de 2014, houve pressão por parte do setor na negociação salarial dos docentes. A data-base era em março e a definição do reajuste saiu em junho. “Conseguimos a duras penas um aumento real de 0,57%, mas o resto das melhorias na carreira ficou parado”, afirma Napolitano. A Fepesp pretende ainda reivindicar participação de lucro e resultados.

## Instituições trocam docentes, reduzem carga e lotam salas

Estudante conta que classes chegam a ter 80 alunos, o que inviabiliza a participação; atividades a distância são reforçadas

A estratégia adotada por algumas instituições de ensino para diminuir gastos com professores passa pela substituição de professores antigos por mais novos, fechamento de salas e redução no número de horas/aula por docente, intensificando as atividades a distância.

Professores e alunos da antiga Uniabc – adquirida pela Anhanguera há quatro anos e desde 2014 parte da Kroton – contam que alunos de semestres diferentes fazem aulas na mesma sala. É uma forma de, ao abrir apenas salas cheias, potencializar o trabalho do professor. “Uma educação que reduz os professores significa falta de



Lotação máxima. Virgílio: ‘Não tem nem como tirar dúvida’

prestígio dos docentes e descompromisso com a qualidade?”, diz o professor Nelson Valverde, que leciona na unidade.

Além de diminuir a demanda por docentes, as salas chegam a ter mais 80 alunos. “Isso atrapalha a aula, inviabiliza a participa-

ção, não tem nem como tirar uma dúvida”, diz Pedro Virgílio Benaventi, que aos 60 anos cursa Engenharia na Anhanguera.

Sob condição de anonimato, a professora C.S., de 52, conta que as instituições estão demitindo quem ganha mais. “De-

pois contratam quem está no mestrado. Preferi sair antes”, diz ele, que, após seis anos, pediu demissão semana passada da Anhanguera.

O diretor do Sindicato dos Professores de São Paulo (Sinpro-SP), Marcelo Marin, diz que algumas instituições têm diminuído carga horária como forma de pressionar a saída. “Eles passam de 4 para 3 aulas por dia, evitam até o adicional noturno. O professor que não aceita é demitido. E muitos topam trabalhar com valores menores.” A Kroton defendeu que a carreira docente é valorizada na empresa e que oscilações de carga horária são naturais.

O Ministério da Educação (MEC) exige que um terço dos professores das instituições seja mestre ou doutor. Enquanto o grupo Anima tem 81% dos professores com título, acima da média do setor privado (65,3%), a Kroton tem 42%.

Como o MEC não fala em mínimo de doutores, prepondera o emprego de mestres. A média de doutores no setor privado é de 18,2% – nas quatro empresas é de 14,4%. Entre as públicas, é de 53,2%. /J.R.T., P.S. e R.B.

## Para empresas, estratégia não reduziu qualidade

As empresas educacionais de capital aberto afirmam que a menor proporção de gastos com professores sobre a receita não representa queda de investimento em qualidade. Além de defender a eficiência da gestão, os grupos apontam que outros gastos de valorização e qualificação podem não ser contabilizados como gasto docente.

A Kroton diz que 97% das instituições do grupo tinham em 2013 Índice Geral de Cursos (IGC), calculado pelo MEC, igual ou superior a 3 – a nota é a mínima exigida. “Os investimentos em qualificação, formação e treinamento de professores não são contabilizados como custo docente, mas certamente impactam positivamente a qualidade”, afirmou o presidente da Kroton, Rodrigo Galindo, por e-mail. “Aumento de eficiência com aumento de qualidade é um atributo das empresas bem geridas.”

O grupo Estácio informou

que a redução nos custos está relacionada “a melhorias, principalmente, na gestão do processo de formação de turmas”. “A inferência de que os investimentos nos professores diminuiriam não é correta. A Estácio, por exemplo, investe em programas de qualificação docente, por meio de sua Universidade Corporativa”, disse.

Entre as quatro empresas, a Estácio reverte o maior percentual da receita para remuneração docente: 42%. Com 41%, aparece na sequência a Anima. Em nota, a empresa informou que remunera seus professores com valores superiores ao dos concorrentes e o compromisso com a qualidade se reflete nos seus resultados. “Temos 59% dos cursos com Conceito Preliminar de Cursos (CPC) 4 ou 5.”

A Ser informou que não poderia responder por causa do silêncio exigido pela Comissão de Valores Mobiliários antes da divulgar balanços. /J.R.T., P.S. e R.B.